

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição
- b) Modalidade de pesquisa
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:

Área: Educação

Tema/modalidade de pesquisa: História Oral

DOIS PAÍSES, TRÊS CIDADES E UMA SÓ COMUNIDADE: NARRATIVAS SOBRE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL FRONTEIRIÇA

Fernanda Marchiori Grave

*IFPR- Campus Avançado Barracão
fernanda.grave@ifpr.edu.br*

Resumo

A pesquisa aqui apresentada, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Paraná - PPGECEM/UFPR, cuja linha de pesquisa é Educação Matemática, na temática Interculturalidade e Educação Matemática. O estudo teve como propósito constituir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira (PEIBF). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que faz uso de práticas da história oral em sua vertente temática. A pesquisa permite conhecer sobre o programa, sobre a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto e a Escuela 604, que se inserem na região da Tri Fronteira e que foram as primeiras escolas no Brasil a implantar o programa. Geograficamente o Município de Barracão/PR, juntamente com os Municípios de Dionísio Cerqueira/ SC e Bernardo de Irigoyen/AR, formam um ponto de 8 divisas secas, dando o título de cidades Trigêmeas, únicas no Mundo.

Palavras-chave: Escolas de Fronteira; História Oral; Interculturalidade; PEIBF.

Abstract

The present research was developed in the Graduate Program in Education in Science and Mathematics, Federal University of Paraná - PPGECEM / UFPR, whose line of research is Mathematics Education, in the theme Interculturality and Mathematics Education. The purpose of this study was to constitute oral sources based on interviews with two literacy teachers and two coordinators of Tri Fronteira who participated in the Bilingual Intercultural Bilingual School Program (PEIBF). It is a qualitative research that makes use of oral history practices in its thematic aspect. The research allows to know about the program, about the School of Basic Education Dr. Carlos de Faria Souto and School 604, that are inserted in the region of Tri Fronteira and that were the first schools in Brazil to implant the program. Geographically, the Municipality of Barracão / PR, along with

the Municipalities of Dionísio Cerqueira / SC and Bernardo de Irigoyen / AR, form a point of 8 drylands, giving the title of cities Trigêmeas, unique in the World.

Keywords: Border Schools; Oral History; Interculturality; PEIBF.

Introdução

Apresento aqui o relato de minha pesquisa de Mestrado, que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa de Educação Matemática. Diante do contexto vigente que estou inserida enquanto docente do IFPR Campus Barracão, somado aos meus anseios anteriores de pesquisas já realizadas e perante a vasta coletividade de indivíduos que me deparei ao chegar na Tri Fronteira, ao ouvir um pouco do programa Escola Bilíngue de Fronteira, houve um encadeamento de convicções e anseios, donde, então, se constituiu o propósito da pesquisa: Constituir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Minha investigação se concentrou na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, localizada em Dionísio Cerqueira/SC e sua escola irmã a Escuela 604 localizada em Bernardo de Irigoyen/AR. Por isso, as colaboradoras da pesquisa serão duas coordenadoras (uma da Escuela 604 da Argentina e uma da Escola Theodureto) e duas professoras alfabetizadoras brasileiras que trabalharam com o *cruze* na escola irmã da Argentina.

1.1 Metodologia

Uma vez que a minha investigação tomou forma enquanto projeto de pesquisa e começou a ganhar corpo enquanto pesquisa acadêmica e o tema e a meta do trabalho foram definidos, a pesquisa passou exigiu muito mais de mim enquanto pesquisadora, senti um grande compromisso, no sentido de me responsabilizar por essa investigação como um todo e de forma muito especial e consciente, ao definir a maneira que eu utilizaria para conduzir essa investigação, a metodologia que seria adotada.

Desde o momento que decidi pela metodologia da História Oral na vertente temática, sempre defendi que as narrativas das depoentes por si só bastam! Em nenhum um momento tive o anseio de analisa-las, ou compará-las. Compreendo que como objetivo é construir fontes orais sobre o PEIBF á partir da narrativa de minhas colaboradoras. Então, não pretendo explicar

nem solucionar nada. Para mim, a compreensão abre portas para enxergarmos os significados. E, nesse sentido, me dei conta do quanto à metodologia da História Oral viria para somar em minha pesquisa. E foi por esse caminho que decidi caminhar. Garnica ajuda a fundamentar a escolha por este método dizendo que:

[...] A justificativa para isso é simples: quem usa a História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem -ou não- servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado [...] (GARNICA, 2010, p. 31).

Como o nome por si só já transmite, a História Oral é uma forma específica de discurso, onde o termo história invoca uma narrativa do passado e oral indica um meio de expressão, isto é, os participantes da pesquisa, ao lembrar e reviver o seu passado, para então produzir as narrativas, contam aquilo que de fato foi experienciado e sentido, mergulhados no modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente. Nesse sentido, Garnica (2010) nos diz que as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Sendo assim, interessa, o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la. E a própria construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator (colaborador) com sua história. E essa singularidade, própria das fontes orais, permite trazer à cena, trabalhos sem igual.

Portanto, todos os resíduos de informações devem ser apreciados com a mesma cautela, tendo seus limites continuamente testados. Assim, pensamos a História Oral como uma possibilidade de investigar o dito, o não dito e, muitas vezes, de tangenciar o indizível e seus motivos; e, por conseguinte, de pesquisar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e dá validade. Sendo assim, a História Oral viabiliza transcodificar e, portanto, redimensionar os registros e as práticas (GARNICA, 2010, p.34).

As próprias narrativas produzidas se tornam instrumentos importantes, pois são ferramentas que podem fazer o ouvinte viajar através da história ali narrada. Atualmente, o cotidiano é marcado pela cultura digital e sua velocidade, faz com que, muitas vezes a informações desapareçam rapidamente, se perdendo no tempo e rapidamente sendo esquecidas. Nesse cenário, com essa velocidade desenfreada, muito perdemos das lembranças, dos substratos de vida, e das possíveis construções de diferentes saberes. Por isso Delgado (2003), atenta para

o fato da história oral, agir nesse sentido, atuar na produção de narrativas como fontes históricas, como fontes de conhecimento, como fontes do saber. A autora ainda enfatiza que a narrativa, os sujeitos, suas memórias e identidades, nada mais são que a própria humanidade em movimento. No que tange ao instrumento escolhido para essa pesquisa, optei por trabalhar com palavras-chaves. E para conseguir esclarecer e justificar minhas escolhas elaborei a imagem abaixo:

FIGURA 1: INSTRUMENTO DA PESQUISA



FONTE: A Autora (2017)

Pondero que atuando dessa maneira, as entrevistadas possam contar de maneira natural suas experiências com o programa PEIBF. Todas as palavras, independente ao eixo que façam parte, serão impressas em papel branco com a escrita preta e recortadas individualmente e disposta na mesa na frente das entrevistadas. Minha intenção, é que as colaboradoras preencham uma ficha inicial, com seus dados e formação antes de iniciarmos a entrevista.

Nessa pesquisa, optei pela gravação do áudio das entrevistas, e depois de terminado o momento da entrevista é hora de iniciar a etapa de degravação das oralidades registradas. Optei por iniciar essa etapa o mais breve possível. Essa escolha se deu pelo frescor de memória que existia em mim, sobre aquele momento único. Quando o pesquisador finaliza a textualização, deve submetê-la aos depoentes para correções e complementações. Os autores têm chamado a essa fase de legitimação e conferência. Os depoentes têm direito às suas memórias e, frequentemente, esse processo de checagem é lento.

1.2 Resultados e Discussões

Segundo a metodologia adotada, depois de fixada nossa questão norteadora, devemos partir à procura dos colaboradores, que na História Oral, são denominados narradores, que mesmo com suas individualidades e particularidades, nos auxiliem com suas próprias perspectivas. Esse processo de procura dos depoentes, segundo a História Oral, comumente se dá num processo de rede, pois a partir do tema pré-estabelecido, o pesquisador volta-se para a comunidade em que esse tema se insere e, nesse contexto, surgem os possíveis nomes, ou sugestão de depoentes. E foi o que aconteceu comigo, na busca dessas professoras que poderiam colaborar de forma significativa com essa pesquisa.

Como a História Oral Temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas podem não se sustentar sozinhas ou em versões únicas. Optei por entrevistar as duas professoras brasileiras que atuaram no momento inicial do programa junto a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto (Fátima e Neuzanira), a coordenadora do programa no Brasil (Dayani) e a coordenadora do programa na Argentina, frente à Escuela 604 (Fatima). Aguardei de maneira ansiosa pelo momento das entrevistas. Sabia que seria o instante fabuloso dentre os quais a escolha metodológica que estabeleci iria me proporcionar. Para mim, interessa que o colaborador dê seu depoimento cumprindo ou não, todas as palavras-chaves. Pois tenho claro que o desejo que o depoente siga todas as palavras-chaves sugeridas por mim, é apenas um desejo meu, enquanto pesquisadora e como tal não deve ser imposto ao depoente, mas pode com ele ser discutido, comprometendo-o com a pesquisa. Sendo assim, penso que ao determinar minha opção metodológica pela História Oral, e colocar-me a frente da possibilidade de construir narrativas junto às professoras colaboradoras de minha pesquisa, eu, enquanto pesquisadora e pessoa humana me dediquei à arte do saber, do ser capaz de escutar. Acredito que desenvolver essa capacidade não é nada simples, pois para ser capaz de realmente escutar é preciso pôr de lado nossos preconceitos, e de fato nos instalar em um estado mental de recepção, onde nos dispomos a compreender o que outro nos fala.

Nesse sentido, eu, que pouco conhecia quanto à metodologia da História Oral, me coloquei a estudar e buscar compreender o que os autores dessa proposta me traziam. Senti-me realmente aprendiz, e isso é absolutamente respeitável. Coloquei-me a pensar que tudo se dá em virtude dos processos de comunicação. E, por isso, todos nós temos histórias a contar, mas se ninguém nos escuta, contamos a nós mesmos, e então, muito se perde.

Após entrevistar a professora Lúcia e a professora Neuzanira, me deparei com um material muito rico, seus registros do Programa. Nestes cadernos e pastas, as professoras guardam todos os seus planejamentos de aulas, as avaliações de quem as assessorava na época, muitos registros fotográficos das aulas e vários recortes de jornal contendo notícias sobre o programa. Não tive dúvidas ao ver esses materiais, o quanto relevante aqueles registros eram. Gentilmente, as professoras cederam suas pastas e cadernos para que eu trouxesse para casa, para analisar com calma e fazer os meus registros fotográficos daqueles materiais se eu assim desejasse e julgasse válido para a minha pesquisa. Optei por apresentar as narrativas na dissertação, na ordem que ocorreram as entrevistas. E escolhi que cada uma das narrativas textualizadas será apresentada como um capítulo, no sentido de valorizar cada uma das colaboradoras, então a entrevista textualizada será apresentada na íntegra no corpo do trabalho, já a transcrição é exibida na íntegra nos apêndices. Usamos negrito nas textualizações para destacar as palavras-chaves determinadas quanto ao instrumento da pesquisa.

Ao entrevistar as colaboradoras, e ver o olhar das mesmas no tempo e quanto ao tempo, foi um momento rico de aprendizagem, pra mim, enquanto pesquisadora. Por isso também, se deu a escolha do título desse capítulo, que nada nos reflete melhor do que nossas próprias palavras, esse é o espelho da alma, da memória, do tempo e da identidades. Pois em um curto espaço de tempo, um pequeno momento, que durou meu encontro com cada uma das colaboradoras, eu puder conhecer e sentir o passado vivido por elas, as marcas que experiências deixaram, foi um momento muito tocante, para mim, enquanto entrevistadora e certamente, para elas, enquanto narradoras de suas próprias histórias. Para elas, foi muito mais que um simples lembrar o passado:

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997 citado DELGADO, 2003, p.16).

Confesso que entrar na vida, na casa, nas lembranças, na historicidade de cada colaboradora, trouxe para mim, a possibilidade de olhar além do que eu posso ver e de ouvir muito além, do que uma pessoa qualquer, que não viveu o programa de perto, possa nos contar.

Tratando mais especificamente sobre o Programa, com o objetivo de estreitar os laços na área educacional entre os países vizinhos, foi firmada, em 23 de novembro de 2003, a Declaração Conjunta de Brasília, para fortalecimento da integração regional. Nessa declaração, estabelecida entre o Brasil e a Argentina, a educação foi reafirmada como espaço cultural para o fortalecimento da consciência favorável à integração regional. A partir desse momento, equipes técnicas da Argentina começaram a elaborar a primeira versão do programa em linha gerais. Como resultado dessa pesquisa, surgiu a necessidade de elaborar, em meados de maio de 2004, um levantamento que pudesse fornecer dados a respeito da realidade sociolinguística dos professores e alunos envolvidos no programa. Em maio de 2004 produziu-se a primeira versão do "Projeto-piloto de Educação Bilíngue - Escolas de Fronteira".

Segundo Bianchezzi et al.(2012), após serem realizados estudos e discussões entre Brasil e Argentina, organizou-se o Acordo Bilateral pautado em documento elaborado especificamente para Escolas de Fronteira. Teve a participação de representantes do Ministério da Educação do Brasil e do Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnologia da Argentina. Esse Acordo Bilateral abriu as “portas” para novas formas de ensinar e aprender, a partir de um “modelo” comum entre as escolas de zona de fronteira, com objetivo de desenvolver a educação sociolinguística e intercultural.

Programa Escolas Bilíngues de Fronteiras (PEIBF): Modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol. [...] Um esforço binacional argentino-brasileiro para construção de uma Identidade Regional Bilíngue e Intercultural no marco de uma cultura de paz e de cooperação interfronteiriça (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 1).

As bases pedagógicas do PEIBF são a interculturalidade e o bilinguismo. Seu objetivo maior é o de promover a integração regional por meio da educação intercultural, considerando para isso os contextos multilíngues ou bilíngues existentes nas fronteiras, tendo como consequência a ampliação das oportunidades do aprendizado das línguas em uso e trocas culturais. O foco é a integração, visto que no PEIF- Programa Escola Intercultural de Fronteira - (nome inicial do programa) as aulas não se resumem ao ensino de língua

estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos. Por enquanto, o programa ainda restringe-se às séries iniciais do Ensino Fundamental, mas há previsão de expansão.

Segundo o MEC, o objetivo principal do Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira é a integração de estudantes e professores brasileiros com os alunos e professores dos países vizinhos. O foco é a integração, além da ampliação das oportunidades do aprendizado da segunda língua. A metodologia adotada no programa é a de ensino por projetos de aprendizagem. Os professores, de ambos os países, realizam o planejamento das aulas juntos e determinam em quais partes do projeto os professores realizarão o intercâmbio, pelo menos uma vez por semana. Portanto, o que ocorre no PEIBF não é o ensino de língua estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos.

A intenção do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira é que a interculturalidade e os idiomas possam ser trabalhados simultaneamente. Nesse sentido, opta-se por desenvolver nos alunos tanto com a oralidade como a escrita. Logo, fica evidente a necessidade de interação entre os envolvidos dessas escolas de países distintos. Para desenvolver essas habilidades, a Escola Theodureto (que já trabalhava nessa perspectiva), optou por trabalhar também no programa por trabalhar por projetos, onde a aprendizagem pode se dar de maneira coletiva e voltada para os arranjos locais existentes.

Uma educação para essas escolas de fronteira, nesse contexto, implica no reconhecimento e visibilização das culturas regionais envolvidas, tendo como base práticas de interculturalidade. Logo, como produto dessa interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, tem-se, então, relações entre as culturas, o reconhecimento das características próprias e a visibilização do diferente como diferente (e não como "melhor" ou "pior").

A proposta compreende por “intercâmbio” a realização do chamado “*cruce*”, que é a organização da grade curricular com seis aulas semanais de intercâmbio por turma. Assim sendo, existe um horário de troca do corpo docente entre as escolas: enquanto professoras brasileiras estão em sala de aula na escola da Argentina, as professoras argentinas estão com os alunos na escola no Brasil, isso surge no sentido de fomentar a curiosidade em aprender a segunda língua, costumes, valores, cultura do outro país.

Igualmente importantes são as demandas por maior intercâmbio dos alunos das duas escolas-espelho, dada o movimento positivo que o ‘cruce’ de professoras tem provocado nas escolas, que possibilitou o despertar da curiosidade das crianças sobre o outro país (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 22).

No início do programa, o intercâmbio esteve presente nas discussões até a efetivação do Acordo Bilateral. Junto a esse trâmite ocorreu à construção da proposta curricular, organização de encontros de formação de professores de ambos os países, planejamentos paralelos pelo corpo docente das escolas de fronteira envolvidas no programa, para, posteriormente, a implementação do projeto nas salas de aula das duas escolas parceiras. Posteriormente, com o passar dos anos, a burocratização foi se tornando um fator dificultador. Tanto, que atualmente existem professores específicos que são contratados para atuar no programa, e não mais, os próprios professores regentes das turmas. Nesse sentido, creio que muito se perdeu, principalmente quanto aos momentos em que os alunos conseguiam vivenciar a “troca de professores” e a troca de conhecimento interfronteiras.

Nesse mesmo sentido, o intercâmbio de alunos, onde os encontros eram realizados uma vez no semestre, com o objetivo de criar laços e possíveis trocas de experiências entre os alunos envolvidos (mesmo sendo poucos encontros durante o ano, este eram os objetivos da proposta, como podemos ver nos documentos), momento que eles denominavam *culminância*, também foi sofrendo com a burocracia frente à liberação para a passagem dos alunos de um país para o outro. Como as *culminâncias* dos projetos, sempre ocorrem em horário de aula, a escola tende se responsabilizar em totalidade pelos alunos, caso venha a acontecer algum tipo de fiscalização e não autorização na passagem da fronteira. Isso tornou os encontros cada vez mais escassos.

1.3 Considerações Finais

O objetivo da pesquisa aqui apresentada foi construir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Sendo assim, fiz uso da História Oral como procedimento metodológico, em sua vertente temática.

É fato que existem coisas que antecedem e coisas que sucedem a pesquisa, por isso julguei necessário falar disso, pois esse todo que constitui as circunstâncias dessa pesquisa. Sendo assim, busquei esclarecer para o leitor donde parti enquanto pessoa humana no mundo,

trazendo minhas inquietações e trajetórias até chegar nessa pesquisa; procurei também esclarecer para o leitor donde teoricamente eu parto para a essa pesquisa, explicando e justificando minha escolha metodológica. E foi diante de tantas diferenças e peculiaridades ainda pouco conhecidas e estudadas, que o Programa buscou criar um ensino para essas áreas de fronteira, e assim surgiu o PEIBF, com a proposta de implementar políticas públicas que integrassem as suas fronteiras, como forma de enfrentar os desafios da mobilidade, segurança e integração com seus vizinhos partindo da área educacional.

Por meio do diálogo com diferentes autores, trouxe em meu trabalho um pouco sobre a História Oral. Após o estudo da metodologia escolhida, e todo o caminhar dessa pesquisa, me mantenho certa de essa foi a melhor opção. Após ter realizado as entrevistas, ter trabalhado na narrativa das depoentes no processo de transcrição e textualização, fico certa de que nenhum espelho nos reflete melhor do que nossas próprias palavras. A preocupação quanto à disponibilização integral das textualizações revela um esforço na tentativa de preservar o discurso das entrevistadas, ainda que este se coloque, agora, como um discurso criado pelo pesquisador a partir da entrevista e autorizado pelo entrevistado como algo que este diria. A transcrição da entrevista é considerada uma parte importante do trabalho por registrar na escrita as emoções, reações, ou seja, os detalhes que, muitas vezes, não são percebidos durante a entrevista. No momento de transcrição, pude parar para pensar com mais calma sobre o que cada depoente estava falando, acho que pelo fato desta etapa exigir que se escute por várias vezes pausadamente o áudio da entrevista, e neste momento, me ouvindo também, consegui pensar e repensar e minha postura enquanto entrevistadora. Neste processo, vem a tona todas as emoções sentidas durante a entrevistas. Posterior ao processo de transcrição é a etapa de textualização. O objetivo foi trazer uma organização para a narrativa, colocando-a mais próxima a um texto didático.

Observei cada detalhe, registro, e principalmente no silêncio, muitas respostas foram passadas, e até o não escolher falar sobre algumas das palavras-chaves que sugeri. As colaboradoras reviveram momentos marcantes de suas vidas, buscaram distinguir falas e sentimentos que o tempo não apagou. São relatos dos momentos vividos, respostas pessoais, onde a melodia do passado foi interpretada pelo presente e se mantém vivo. A memória oral traz a vida, nos permite recolher toda a existência passada. Devo ressaltar também, o quanto se sentiram especiais às colaboradoras de minha pesquisa, se sentiram únicas no sentido de

poder contribuir para a educação com suas falas, percebendo que as suas experiências também poderiam ser contadas e que poderiam contribuir para diferentes pesquisas.

Defendo que a Educação Matemática deve ser compreendida, não apenas como uma constituição social, mas também como uma construção histórica e política. Os povos com suas diferentes culturas possuem também, múltiplas maneiras de trabalhar com os números e com os conceitos matemáticos. Todos os diferentes grupos sociais produzem conhecimentos matemáticos, assim como de outras áreas do conhecimento. E nesse sentido, que a Etnomatemática valoriza estas diferenças e afirma que toda a construção do conhecimento matemático é válido e está vinculado a tradição, à sociedade e à cultura de cada povo. Sendo assim, afirmo que toda cultura está ligada com os conhecimentos da matemática e que é uma nova forma de pensamento que ficou conhecido como Etnomatemática. Tentar aprender ou ensinar matemática, sem considerar que ela está envolta com a história ou até mesmo sugerir que ela não está integrada com as demais formas de cultura é uma grande utopia. Por isso, entender e descobrir a cultura que existe na matemática é uma nova forma mais autêntica de visualizar esse ramo específico da ciência que foi e ainda é praticada por grupos culturais, como das sociedades indígenas, grupos de trabalhadores, crianças de uma certa faixa etária, classes profissionais e etc. e que certamente vamos aprender muito com esses grupos, o que vai possibilitar produzirmos bons frutos e alavancar ainda mais o ensino e aprendizado de Matemática.

Assim como já coloquei em meu texto outros momentos, ao finalizar a pesquisa, mantive o desejo de partilha. Esse foi o desejo que me fez iniciar e me manter nessa pesquisa. Sinto que ao finalizar o texto, muitas outras janelas se abrem quando eu penso no compartilhar dessa pesquisa, em especial com os que vivem na Região da Tri Fronteira e lutam pela educação de qualidade. Espero que essa minha investigação venha a contribuir nesse sentido e em muitos outros que meu olhar ainda não alcança.

REFERÊNCIAS

BIANCHEZZI, C. et al. **A construção e a prática do programa bilíngue em região de fronteira internacional Brasil-Argentina.** Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 37 – Fronteiras, 2012.

BRASIL; ARGENTINA. Ministério da Educação e Ministerio de Educacion, Ciencia Y Tecnologia. **Escolas de Fronteira**, Brasília e Bueno Aires: MEC; MECT, 2008.

DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativas**: tempo, memória e identidades. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, nº 6, p.9-25, 2003.

GARNICA, A. V. M. **Manual de história oral em educação matemática**: outros usos, outros abusos. In: Anais SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, Guarapuava (PR), 2007.

_____ **Registrar Oralidades, Analisar Narrativas**: sobre pressupostos da História oral em Educação Matemática. Ci.Huma. e Soc. em Rev. Seropédica, v.32, n.2, Julho/Dezembro de 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Escolas de Fronteira**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-fronteira/escola-de-fronteira>> Acesso em: 18 de mai. de 2016.